

# NO "FRONT" DA ALFABETIZAÇÃO

Os adultos não gostam de crianças na classe — Esforços e experiências da professora Zilma, que dirige 30 cursos em Cachoeiro de Itapemirim — Os presos também vão aprender — A miséria na roça

Reportagem de RUBEM BRAGA

1232  
DE VEZ EM QUANDO a professora Zilma Coelho Pinto escreve ao repórter contando coisas de sua Campanha de Alfabetização e Assistência Social, de Cachoeiro de Itapemirim. Ela mantém atualmente 30 cursos, quase todos para adultos e adolescentes.

Achamos útil transcrever alguns trechos de cartas de Zilma. Em primeiro lugar para mostrar a data de seu esforço, que merece o apoio de todos. Em 2º lugar porque sua experiência pode ser útil a outros lutadores que, em outros cantos do Brasil, estão pelejando para educar e melhorar o nível de vida do povo pobre. Além disso o estilo de Zilma é vivo e direto, e achamos que a leitura de suas cartas interessa a qualquer leitor curioso em conhecer um pouco isso a que se costuma chamar «realidade brasileira».

## A GENTE É BOA

A última carta de Zilma conta que um dos adultos que está sendo alfabetizado é amigo de infância do repórter. Conta depois outras coisas, e escreve:

«Vejo tudo isso e penso: há muita gente má neste mundo, mas também ainda há gente boa, simples, que, uma vez guiada com inteligência, bondade e perseverança, dará alguma coisa. Entre esses adultos que alfabetizamos há muita inteligência cultivável, aproveitável, que surpreende a professora; muito elemento dotado de vontade que necessita ser amparado convenientemente. Gente de caráter bem formado.

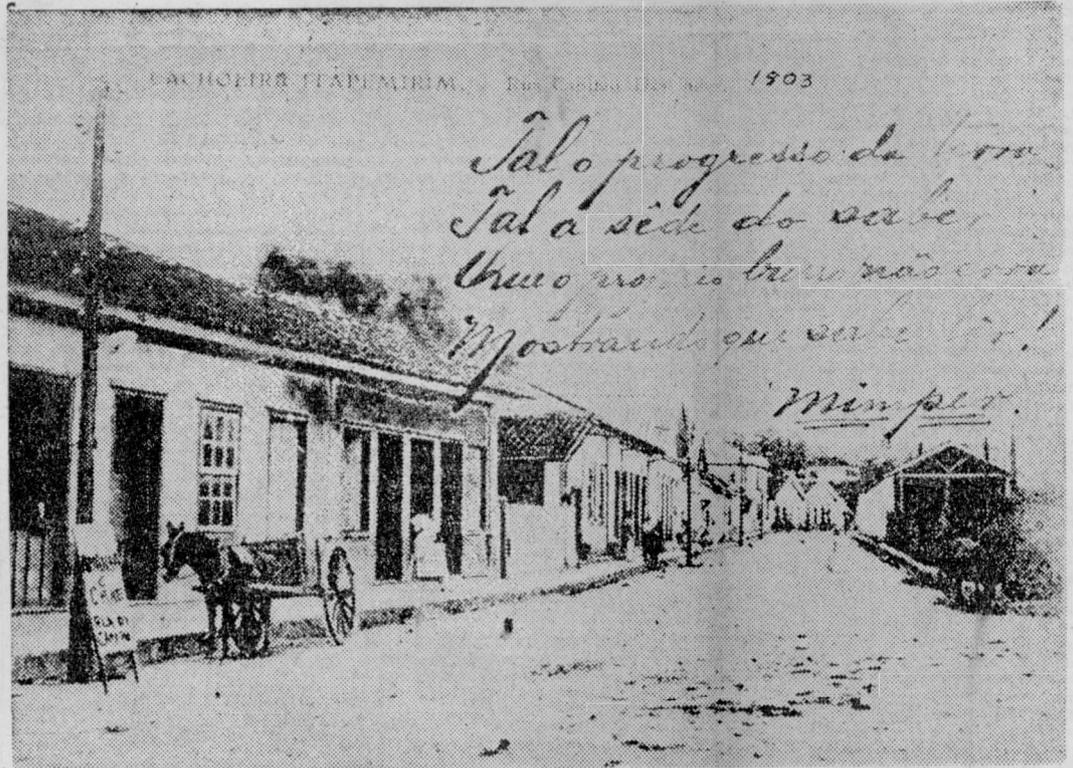
Algumas professoras da roça disseram-me que certos alunos, devido ao frio intenso, vão de toalha, saco ou cobertor nas costas, só para não faltarem com a palavra, perdendo aula. Aconselhei-as a elogiar essas pessoas tôdas as vezes que assim procederem. Elas são dignas de nossa admiração e consideração, pois põem o dever acima de seu bem-estar pessoal. O Brasil está em crise de pessoas dêsse quilate.»

## DUAS HORAS DE CAMINHADA

«O dr. José Moisés está se revelando um cachoeirense de fibra. Imagine você: além de manter um curso, angaria doativo aí no Rio, em material escolar e remédios, e envia aos alunos do curso. Há alunos que moram tão longe que precisam sair de casa às 5 horas da tarde para chegar à escola da Baiminas às 7.

Muitos alunos que aprendem a escrever escrevem ao dr. José Moisés, e ele responde a todos. Só vendo que entusiasmo ele consegue entre esses homens, mesmo estando longe! Agora os alunos estão se esforçando para melhorar a caligrafia pois o sr. José está para vir visitar Cachoeiro. A professora não corrige as cartas que os alunos lhe escrevem, para que ele possa ir vendo o verdadeiro aproveitamento do pessoal. Uma méia dúzia de patrocinadores assim seria uma beleza.»

Nota do repórter: o patrocinador de um curso para adultos nessa Campanha é quem dá 3.600 cruzeiros por ano, para fundação de um curso, que



O município de Cachoeiro de Itapemirim (82.309 habitantes) ambiciona ser o primeiro totalmente alfabetizado do Brasil. O curioso postal que reproduzimos, de 1903, mostra que ali sempre foi grande a "sede de saber"... pois "o próprio burro não erra mostrando que sabe ler", como disse um poeta da época.

geralmente leva o seu nome ou de pessoa por ele indicada. O pagamento dessa importância, que serve exatamente para os 300 cruzeiros mensais da professora, pode ser feito de uma só vez ou em parcelas. Quem se animar a isso deve escrever diretamente para a professora Zilma Coelho Pinto, Cachoeiro de Itapemirim — Espírito Santo.

## PEÇAS DE FAZENDA

«Das últimas 12 peças de zefir doadas pela Beatrix Reynal, que você mandou, tirei, primeiro, uma camisa para cada garoto. Depois, uma para cada aluno chefe de família que tem 5 filhos, paga aluguel de casa e ganha uns 16 cruzeiros por dia. (Sabe que há muitos assim?). Depois fômos dando outros, sempre obedecendo a um mesmo critério para todos os cursos. Estamos acabando de dar aos que moram mais longe, como prêmio pelo sacrifício que fazem indo até a escola.

Adotei esse critério para não cometer injustiças. Assim não haverá razões de queixa, não acha? Da flanela,

247